

## Música

Quatro lançamentos internacionais mergulham na vida e na obra de Franz Liszt, dando início às comemorações dos 200 anos de nascimento do artista, uma autêntica celebridade do século 19

## REFLEXÕES EM TORNO DO GÊNIO

JOÃO MARCOS COELHO

Qual Franz Liszt vamos comemorar em 2011, em tributo aos 200 anos de seu nascimento?

\* O pianista, virtuose diabólico, que fez mais de 700 transcrições, arranjos e paráfrases, inventou a fórmula do recital, que, como uma atualíssima “balada”, seduzia adolescentes e sobretudo o público feminino, a ponto de elas fazerem pulseiras com as cordas arrebatadas do seu piano?

\* O maior Dom Juan europeu de seu tempo, que distribuía rosas vermelhas às mulheres das primeiras filas em seus recitais e roubou literalmente Marie D’Agoult de seu conde, amasiando-se com ela por uma década e mesmo assim conseguiu ser aceito pelo “grand monde”?

\* O formidável maestro que por uma década transformou Weimar na Meca da música nova, apoiando os jovens compositores ainda sem espaço, como Richard Wagner?

\* O dublê de escritor e crítico que escreveu tanto quanto Schumann e Berlioz, tinha aguda consciência social e ajudou financeiramente dezenas de novatos na música?

\* Ou o abade de seus últimos 21 anos de vida, compondo música religiosa, que tentou de todas as maneiras casar-se com sua segunda paixão fulminante, a princesa russa Carolyne, e jamais recebeu consentimento do Vaticano? O mesmo Vaticano que recebeu com dompas o velho músico, porque o papa adorava ouvi-lo improvisar sobre prelúdios e fugas de Bach na Capela Sistina, ignorando que, ao chegar em casa, o abade entregava-se ao proibidíssimo absinto, o LSD do século 19?

Modernamente, nesses anos festivos, as orquestras limitam-se a repetir os dois concertos para piano, a portentosa sonata em si menor, uma missa, um ou outro poema sinfônico de Liszt. E muita música para piano, claro. É pouco, bem pouco diante da formidável diversidade das mais de 1.400 obras do mestre. Um retrato distante de sua real fisionomia, radical e complexa, protótipo do compositor-pianista romântico do século 19. Onde ficam duas obras-primas românticas incontestáveis como as sinfonias *Dante* e *Fausto*? Ou os ainda menos conhecidos 70 lieder (canções para voz e piano), nos quais há um punhado capaz de rivalizar com Schubert ou Schumann? E a música coral-sinfônica religiosa, os oratórios *Christus* ou *A Lenda de Santa Elisabeth*, as missas e salmos? Valeria um olhar mais atento sobre seus 13 poemas sinfônicos, gênero “inventado” para romper os limites da sinfonia.

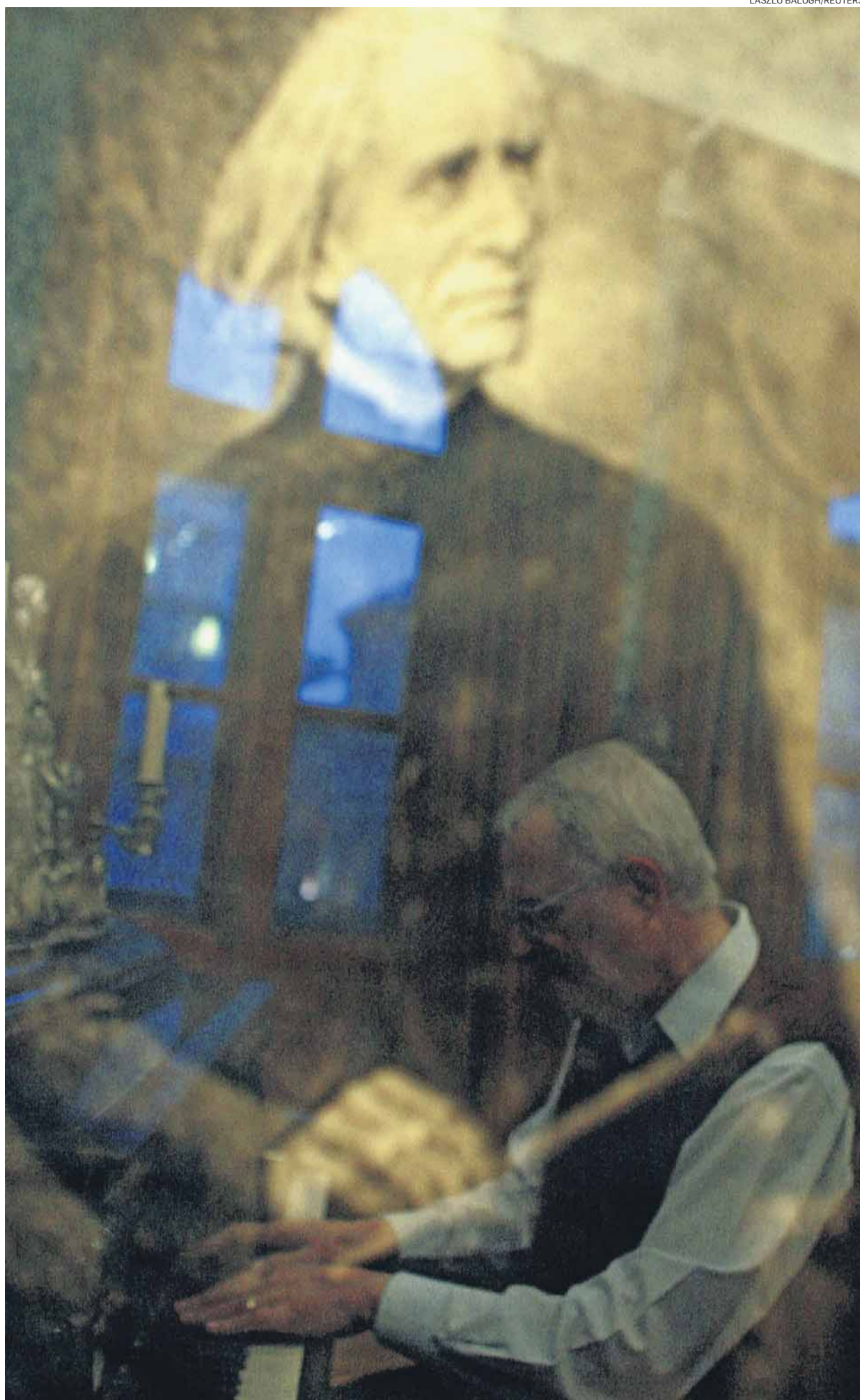
Mas, se a vida musical teima em repetir as mesmas obras, ao menos a pesquisa musical parece mais fértil e diversificada. Um punhado de livros publicados nos últimos meses no mercado internacional trata de devolver-lhe sua real importância.

Quando se afirmou como o “Paganini do piano”, na Paris dos anos 1830, Liszt operou um milagre: transferiu para a música instrumental o grande público então cativo da ópera italiana. Em *Liszt – Virtuose Subversif* (Symétrie, € 42,75 na Amazon; os preços citados serão deste site), o pesquisador francês Bruno Moysan diz que Liszt negociou com seu público um ténue equilíbrio entre o virtuosismo e a qualidade musical, para conquistá-lo. Sua tese é de que Liszt usou as fantasias (paráfrases, arranjos e transcrições) das árias mais populares das óperas de seu tempo para transferir o magnetismo delas à música instrumental. Aos 17 anos, recém-chegado, Liszt participou de uma vida musical que acontecia nos ricos salões parisienses; quando partiu para conquistar o mundo, em 1839, fazendo por quase uma década a inacreditável média anual de 100 recitais, já transferira a música instrumental dos salões para as salas de concerto – com ingressos pagos e casa cheia. A *Lisztomania* (1975), seu retrato pop no filme de Ken Russell, mostra bem esse raro fenômeno de massa.

Outro pesquisador francês, Alain Galliani, abandona o que chama de “lado satânico de Liszt” para mergulhar em sua religiosidade. *Liszt et L’Espérance du Bon Larron* (Fayard, € 20,90) transforma o compositor numa espécie de filho pródigo, que na meninice foi católico e, depois de uma vida devassa, arrependeu-se. Como o bom ladrão que dá um voto de confiança a Jesus, gostaria de também receber em troca a promessa de Cristo (“hoje mesmo estarás comigo no Paraíso”). Galliani faz um espelho religioso do derradeiro poema sinfônico de Liszt, *Do Berço ao Túmulo*, sua autobiografia sonora, composta em 1882, quatro anos antes de sua morte.

Dois outros livros mergulham mais diretamente na música de Liszt, demonstrando ao mesmo tempo sua originalidade e seu “dardo” futurista: “Minha única ambição como músico era e será lançar meu dardo nos espaços indefinidos do futuro desde que ele não caia de novo na terra, o resto não importa”, disse ele.

Em *La Musique de Liszt et Les Arts Visuels* (€ 42,75), Laurence le Diagon-Jacquelin parte de uma frase do compositor para construir um livro rigoroso. “O sentimento e a reflexão me convenceram da relação oculta que une as obras de gênio. Rafael e Michelangelo me fizeram compreender melhor Mozart e Beethoven.” De fato, sua ligação com as artes visuais é tão forte quanto com a literatura. Apoiada na teoria tripartite de Erwin Panofsky para a análise das artes visuais – primária, ou natural, que ele chama de “motivo”; secundária, ou convencional,



em que o motivo se relaciona com um tema ou conceito; e o significado intrínseco ou iconologia –, Laurence analisa obras como *Sposalizio*, baseada na tela de Rafael, *Il Penseroso* e *La Notte*, baseados em Michelangelo, *A Batalha dos Hunos*, segundo tela de Kalbach, e o poema sinfônico *Orfeu*, inspirado por um vaso etrusco do Louvre.

A lição de Laurence é que Liszt é muito melhor do que suspeitam os bem-pensantes de hoje, atentos apenas ao aspecto cênico de seu pianismo. E, por falar em pianismo, Liszt não foi só o diabólico virtuose superstar, como quer o senso comum, mas o maior pedagogo do instrumento no século 19. Basta ler *The Piano Master Classes of Franz Liszt, 1884-1886: Diary Notes of August Gollerich* (Indiana University Press, US\$ 21,70), que resgata suas derradeiras aulas. Ao longo da vida, teve mais de 400 alunos – e jamais cobrou um tostão deles.

Todo pianista, nos últimos 180 anos, deve a Liszt a essência de sua arte. Robert Schumann detectou isso ao escrever que “não basta ouvi-lo, é preciso também vê-lo: Liszt não poderia tocar nos bastidores, porque dessa forma se perderia grande parte de sua poesia”. Ou seja, sem deixar de apontar seu “dardo” criativo para o futuro, Liszt transformou a música em espetáculo. Coisa de gênio.

\* JOÃO MARCOS COELHO É JORNALISTA E CRÍTICO MUSICAL, AUTOR DE *NO CALOR DA HORA* (ALGOL)

estadao.com.br

Ouça trecho de peça de Liszt  
estadao.com.br/e/s6

**Espelho do mestre.** O virtuose Jeno Jando tem sua imagem refletida num retrato de Liszt durante apresentação no museu dedicado a seu conterrâneo, em Budapeste, no mês de fevereiro

## Do Suplemento Literário

26.8.1961

## TRAJETÓRIA DE UM EXÍMIO E RARO PIANISTA

Tema de uma série de artigos do caderno, o compositor húngaro foi destaque também por seu talento como intérprete

R. SCHNORRENBERG

A tranquilidade de Genebra permitiu a Liszt um grande desenvolvimento como compositor. Até então a sua obra se limitava a alguns estudos e transcrições. E’ de 1835 em diante que se inicia a série de composições importantes. Antes disso, porém, as necessi-



\* SUPLEMENTO LITERÁRIO CIRCULOU NO ESTADO ENTRE 1956 E 1974. FOI MANTIDA AQUI A ORTOGRAFIA ORIGINAL DO ARTIGO.

dades financeiras do casal e o aparecimento em Paris de Sigismund Thalberg (...) exigiam o seu rápido retorno à atividade de concertos, a menos de correr ele o perigo de assistir ao desaparecimento de sua enorme reputação de prodígio do piano. A’ sua chegada em Paris encontrou o rival já em viagem, mas deu um concerto de grande êxito e escreveu críticas á musica de Thalberg.

Em fevereiro de 1837, Thalberg realizou um concerto triunfal em Paris. Logo depois Liszt, alugando a grande sala da Opera, fez o mesmo, e a 31 de março, os dois rivais se defrontaram em um concerto no “salon” da princesa Belgiojoso. A vitória pertenceu a Liszt. Ao que parece, Thalberg, embora excelente executante, era superficial como intérprete e principalmente mediocre compositor (...). Durante alguns meses, de maio a julho, Liszt e Marie d’Agoult residiram em Nohant, na casa de George Sand (...). As duas mulheres não se entenderam bem apesar de sua precedente amizade e finalmente Liszt e Marie decidiram-se a conhecer a Italia. George Sand tinha rompido com Musset e a tensão causada por estes ultimos acontecimentos contribuiria mais tarde para obscurecer a amizade entre Chopin e Liszt.

As margens do lago de Como, os dois amantes conheceram o periodo mais feliz de suas relações. Em Bellogio, Liszt completou varias

obras importantes, até o nascimento de sua segunda filha, Cosima, no dia de Natal.

Depois de Bellagio, seguiu-se Milão, onde Liszt se encontrou novamente com seu velho conhecido Rossini. Este, silencioso havia varios anos, acabara de publicar uma serie de canções com o nome de “Soirées Musicales”, que Liszt apressou-se em transcrever para piano, Rossini, arbitro musical de Milão, muito colaborou para o êxito do amigo nessa cidade, mas, não se deve esquecer que Liszt tinha uma facilidade inigualavel para conquistar todo e qualquer publico, mesmo o mais renitente. No caso, o gosto do publico de Milão era deploravel. (...)

Impressionado por uma inundação desastrosa do Danubio, Liszt deu varios concertos em Viena a favor dos flagelados. Naquelle cidade encontrou Clara Wieck, futura Clara Schumann, através da qual conheceu o “Carnaval” e as “Phantasiestucke”, que Liszt imediatamente incorporou ao seu repertorio. O resto do ano de 1838 passou-se em viagens e concertos pela Italia.

estadao.com.br

Leia a íntegra deste texto  
estadao.com.br/e/s6

**PRODÍGIO**  
Franz Liszt nasceu em Raiding, na Hungria, no dia 22 de outubro de 1811, e morreu em Bayreuth, Alemanha, na casa de Richard Wagner, que era casado com sua filha Cosima, a 31 de julho de 1886. Não é de se estranhar que tenha chegado ao fim da vida como o maior pianista de sua época: prodígio, fez sua primeira apresentação aos 9 anos, impressionando a plateia. Tal talento – ressaltado neste artigo do maestro paulista Roberto Schnorrenberg (1928-1983) – marcaria sua trajetória como compositor, na qual se destaca a criação dos poemas sinfônicos.